

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, C. Goodolphin, Ernesto Pires, Gomes Leal, Gerio Vas, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, Latino Coelho, Lopes Tavares, R. Cardoso, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 39

Agosto — 1883

2.º anno

José Pereira de Sampaio

(BRUNO)

Em Portugal, como em toda a Europa, e principalmente nos povos da raça latina, tem-se accentuado d'um modo notavel, ha alguns annos, a tendencia pelo sublevamento das consciencias, pela invasão lenta mas progressiva de noções scientificas, pela fermentação e pelo despontar de novos principios insurrectos, — para a radical implantação do regimen democratico sob a fórma politica de governo republicano.

Como todas as transformações a operar, como toda a revolução a effectuar-se, esta tendencia e este movimento, surgindo especialmente do estado geral do criterio da massa anonyma, havendo a sua principal razão de ser na força latente do aperfeiçoamento intellectual do povo, sendo o resultado inludivel de aspirações reaes, embora imperfeitamente definidas, ha-de accusar, ao historiar-se-lhe a evolução, como uma das principaes forças do seu acceleramento, o impulso vigoroso e enérgico que alguns jornalistas de sinceridade e de talento lhe vão imprimindo no periodo de combate e de reformas que actualmente atravessamos.

Depois da revolução de 1820, em que alguns espiritos, pela sua educação e muito mais pela propria disposição de temperamento, fizeram vibrar intensamente o nervo da dissidencia e da revolta, lançando em Portugal a semente de um novo ideal que se estendesse á sciencia, á moral e á politica; exercendo-se no livro, no pamphleto, no periodico, no parlamento; a phase mais enérgica, mais viva e mais movimentada da aspiração e da propaganda republicana, é, sem duvida, a que data dos ultimos doze annos. Ahi por 1872, o Porto, que esmoia, na grande pacificação dos deveres cumpridos, os beneficios de liberdade e de repouso que lhe couberam pela sua intervenção nos acontecimentos do movimento constitucional; o Porto que se havia entorpecido na digestão prolongada e ininterrompida das suas glorias liberaes; o Porto, engrinal-

hado pelos louros de sempre leal, encoberto na armadura pretenciosamente flamejante de cidade invicta, de baluarte das patrias liberdades e quejandos epithetos jucundos com que a phraseologia indigena e o cretinismo official houveram por

como a alarma estridula da revolta e do combate. Esse pequeno papel era o *Diario da Tarde!* Foi ahi que fizeram as suas armas gloriosas de refrega escriptores de talento e de coragem. Guilherme Braga, mais delicadas e extraordinarias organizações que este paiz tem produzido, deu-lhe os impetus febris da sua imaginação ardente, communicou-lhe a rajada impetuosa das suas apostrophes, as suas crenças de poeta, as suas allucinações de revolucionario! Por alli escoreu, caustica e profunda, a ironia vigorosa e metallica de Urbano Loureiro. Muitos outros ainda ou alli iniciaram a sua carreira ou continuaram a sua vida de jornalistas, distinguindo-se todos, mais ou menos, por uma feição especial da sua intelligencia, pelo notavel desassombro das suas opiniões, pelo vigor, pela violencia desusada dos seus escriptos. Os odios despertados, as invejas desabrochadas nos peitos dos pacatos cidadãos, não fizeram mais do que acerar para o protesto e para a lucta as pennas atrevidas da gloriosa pleiade. Foi n'este notavel periodico que, sob o pseudonymo de Bruno, começou José Pereira de Sampaio a sua carreira jornalística, na curtissima idade de 14 annos, tendo nascido no Porto a 30 de novembro de 1858.

E, antes de proseguirmos no que se refere exclusivamente aos actos da vida de J. Sampaio, precisamos d'abrir um pequeno parenthesis para lhe registarmos os nomes dos que lhe deram o ser, — José Paes de Sampaio, industrial e commerciante e D. Anna Albina Pereira Barroso; o que fazemos por dois motivos ponderosos: primeiro por que sem isso seriam incompletos estes apontamentos biographicos; segundo, porque, professando J. Sampaio, com requintes do mais delicado affecto, a grande, a santa religião dos paes, elle ficaria justamente melindrado pela ommissão d'esta circumstancia, no indefinido orgulho que todo o filho amoroso e dedicado acaricia dentro de si por este facto, grandioso e simples, embora de uma accitação fatal: — *ser dos seus!*

Foi, pois, como dissemos, em 1872, tendo apenas 14 annos, que J. Sampaio co-



JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO

bem enaltece-o, accordou subitamente do desvanecimento lethargico dos seus gloriosos feitos aos empuchões nervosos e resolutos com que um grupo brilhante de jornalistas o saccudiu e agitou. Como flamma rutila de guerra que tremulasse ao alto, na torre de uma fortaleza, um pequeno papel periodico, saído obscuramente de uma typographia modesta, adejou por sobre a cidade vibrando no espaço

meçou a revelar a extraordinária compleição do seu talento em artigos de propaganda e combate, publicados no *Diário da Tarde*, de cuja assídua e brilhante colaboração se despediu em 1873, depois da declaração pelos redactores d'esse jornal feita a repudiarem as doutrinas de um artigo seu, em que regeitava o dogma christão. Este artigo, de uma celebridade unica pela forte reacção que provocou e a que os proprios seus irmãos de combate não puderam resistir, teve ainda uma outra, se não maior, pelo menos mais curiosa e pittoresca, no protesto desordenado e epileptico dos alumnos dos seminarios episcopaes do Porto e Braga, protesto de tal maneira violento e espectacular, por tal forma expressivo da indignação popular, que n'esta ultima cidade se fizeram preces geraes em todas a igrejas para o fim de apaciar a colera do altissimo, desaggravando-o do ousado accommetimento do impio periodista, cuja effigie, bem como o numero do jornal onde foi publicado o referido artigo, foram queimados publicamente no meio do grande gaudio selvatico dos piedosos indignados.

Chamado para a lucta dos principios religiosos pela suggestão espontanea do seu espirito e pela natural revolta do seu temperamento insurrecto e livre, com um alto e firme ideal de justiça e de verdade, incitado, de mais a mais, para ella, pela reacção que provocou e pelos odios que accendeu, J. Sampaio, aprofundou, na applicação perseverante do estudo e na concentração intima do seu espirito, em convicções scientificas, as ideas que até ahí provinham mais da simples elaboração independente das suas faculdades. Passado pouco tempo depois d'aquelles successos, em 1874, o progressivo desenvolvimento das suas faculdades cerebraes evidenciou-se brilhantemente n'um livro notavel, que não já pelo seu valor intrinseco e real, que é muitissimo, ao menos pelo que revela de promessas a futuros empreendimentos no campo vastissimo da especulativa. Esse livro, a *Analyse da creença christã*, é um volume d'umas 300 paginas onde um grande e poderoso talento de par com uma alta sinceridade d'intuitos se revela, atacando com ousadia e notavel elevação de criterio as questões fundamentaes da creença religiosa em toda a sua plenitude d'inconsciencia e d'imbecillidade. Este livro se não foi contestado, o que é de crer, não deixou, por certo, de ser escarnecido, injuriado e, o que é vulgar quando a igreja se não sente com forças para discutir, excommungado!

Fundará entretanto dois pequenos hebdomadarios de propaganda: *O laço branco* e o *Vampiro*, cujo primeiro numero foi rasgado solememente pelos alumnos do lyceu do Porto, por motivo d'um artigo de propaganda anti-christã. Ambos estes jornaes tiveram curta duração.

Mais tarde, começando a collaborar na *Aurora do Cavado*, teve de se despedir tambem d'esse periodico pela hostilidade endiabrada da clerezia de Barcellos que, no seu proposito de guerra traçoieira e mesquinha, sem armas que podesse terçar vantajosamente com tão nefasto e negregado impio procurou cercar as assignaturas do periodico, em seguida aos dois primeiros numeros d'uma serie d'artigos sobre os *Milagres*. Constantemente agredido, mas cada vez mais animado para lutar, sem que o resfriassem nem o desanimou do isolamento, nem a guerra da inepcia, nem a timidez dos camaradas assustados e receiosos, J. Sampaio continuou porfiadamente a trabalhar e em breve resurgiu, cada vez mais indomito e accusando dia e dia sensiveis progressos intellectuaes, a collaborar na *Aurora do Lima*, onde fez a historia da republica parthenopea e a critica dos exercitos per-

manentes; no *Liz*, na *Republica portugueza*, na *Tribuna*, no *Porto* onde inseriu uma serie d'artigos acerca da dissolução da metaphysica allemã; na *Revista de Portugal e Brazil* onde publicou uma longa apreciação do estudo moral acerca de madame Lafarge, de Pedro d'Amorim Vianna; no *Combate*, *Alvorada*, *Harpa*, *Raizo*, *Jornal da tarde*, *Actualidade*, no *Museu illustrado* onde publicou um largo e profundamente meditado estudo sobre o positivismo de Augusto Comte; no *Seculo* e na *Folha nova* onde fez inserir, entre outros trabalhos, a analyse do livro do sr. Oliveira Martins sobre as *Eleições* e uma serie importante de artigos sobre o *Federalismo*.

Alem d'esta serie de publicações, multiplicemente potaveis e importantes, pelo talento ahí despendido, pela largueza de vistas, pela profundeza de illustração e conhecimentos scientificos, pela independencia do criterio, vivamente original e autonomo, e pelo desassombro de opinião com que ahí foram tratados os mais variados e difficeis assumptos; alem d'esta serie de publicações, dizemos, pertencem-lhe tambem um grande numero de artigos sem assignatura alguma, como quasi todos os de critica inseridos no *Museu illustrado*, o numero unico do *Democrata*, que J. Sampaio redigiu integralmente. Pertencem-lhe, igualmente, os artigos editoriaes e outros dos onze primeiros numeros do *Norte republicano*, bem como diversas proclamações politicas, uma patrocinando as candidaturas republicanas dos drs. Alves da Veiga e Emygdio Garcia pelo Porto, outra combatendo a marcha do governo progressista, um manifesto contra os ultimos impostos, etc.

Assim, J. Sampaio, em plena mocidade; dá pela largueza, pelo numero e pela importancia dos seus trabalhos scientificos e litterarios um exemplo excepcional d'honestidade na applicação das suas forças cerebraes, n'um paiz onde a indolencia, a laxidão, o descuido e a mandriice, alliadas á inepcia e á intriga, são os documentos fataes ao concurso das riquezas appetosas, á alta collocação nos beneficios do Estado, ao supremo triumpho do spectaculo! Aos 14 annos quando se vae a entrar no periodo radioso e doirado da mocidade, quando não temos, como estimulo das nossas faculdades ainda tenras e indecisas, outra suggestão que não seja a das coisas futeis e fallazes; quando nos deixamos prender abortos e abysmados em impetos inconscientes n'um mixto de animalidade e de sentimentalismo pelo crebro ancilar dos tumidos seios das virgens dvidosas; quando a puerilidade do nosso espirito se arrasta atrahida para um abysmo de seducções infantis, se não é peor, e as nossas faculdades se abastardeiam e obliteram nos inicios aviltantes da hypocrisia social, na mentira, na devassidão: aos 14 annos José Sampaio sepulta-se no interior da sua bibliotheca e d'alli, entregue ás mais arduas e difficeis applicações a que um homem se póde sacrificar, dá um exemplo nobilissimo do que póde e vale o amor do trabalho, o esforço de saber e de produzir ao serviço de uma organização privilegiada e de um talento de eleição. E é este talvez o seu melhor titulo de gloria embora seja muito grande e valioso o que lhe dá a importancia da sua obra.

Desde creança que José Sampaio começou a ser homem, notavel phenomeno que contrasta com o de que poucos homens acabam sem deixar de ser creanças. D'estarte, como era um temperamento que se expandia em toda a plenitude de seiva, em toda a independencia da sua organização indomavel, como era uma individualidade que surgia, uma originalidade que se destacava, que produzia movimen-

to em torno de si, que não respeitava a convenção, que levava a sua iconoclastia de sapador desde o baixo imperio dos homens ao estadio olympico de Deus; José Sampaio devia ser naturalmente agredido, e foi-o.

Os seus trabalhos têm sido alvo de visissimas refutações tanto da parte da imprensa clerical e conservadora como da socialista, sendo muitos d'elles transcriptos não só em periodicos de Portugal como do Brazil.

Em compensação, justiça e applauso tem J. Sampaio recebido como estimulo e como consolação da parte de notaveis individualidades, quer politicas, quer litterarias e scientificas. Do paiz visinho vieram-lhe palavras d'animação e louvor procedentes de D. Fernando Garrido, entre outros. Pi y Margall sollicitou-lhe por intermedio do seu secretario particular Pedro Closas a colleção dos seus artigos sobre o *Federalismo* publicados na *Folha nova*. O *Siecle*, de Paris, de 29 de abril de 1881, referiu-se aos seus artigos do *Norte Republicano*, como sustentando *vaillament* as ideas democraticas e federalistas. E, se o atacaram violentamente da parte da imprensa reaccionaria, como o fez o grande jornalista ultramontano Sousa Monteiro, do *Ben publico*, entre nós escriptores imparciaes, mesmo da imprensa monarchica, têm dirigido por vezes affectuosas palavras d'estimulo ao jornalista portuense, que se póde ufanar da sincera e cordeal estima d'homens como Guilherme Braga, Alves da Veiga, Theophilo Braga, Rodrigues de Freitas e Alexandre Braga, que lhe deu a honra, honrando-se tambem a si, de fazer acompanhar com a biographia, por elle escripta, o seu *Discurso contra os jesuitas*.

De mais, não podendo estar por muito tempo sem a applicação exterior das suas faculdades intellectuaes, J. Sampaio procurou fundar com Bittencourt Rodrigues e José Augusto Vieira um periodico intitulado a *Reforma* e com Bazilio Telles e Julio de Mattos uma revista scientifica *O Movimento Social*, tentativa que gorou por uma serie de difficuldades das que costumam sobrevir a este genero de projectos.

Na esphera puramente politica elle tem-se exercido com uma grande força de vontade e um fanatismo quasi ingenuo, tão sincero elle é, d'ideal democratico, em varios directorios do centro republicano do Porto, onde elle tem imprimido vigorosamente os rasgos da sua energia e da sua intelligencia, quer operando com actos de valente iniciativa, quer esclarecendo as questões e desfazendo com o seu bom senso e a sua reflectida observação os obstaculos e as dissidencias naturaes a esta ordem d'agregiações. Como trabalhos sobre assumptos philosophicos, sociaes, economicos e litterarios, J. Sampaio prepara para publicar brevemente um volume sobre a *Theodicea*, um estudo sobre o *Capital*, de Karl Marx, uma analyse do *Nihilismo russo*, e um volume de apreciações criticas sobre os modernos homens de letras do paiz, subordinados ao titulo de *A geração nova*.

Aos 25 annos, pois, J. Sampaio é credor para com o seu paiz de uma grande gratidão pela larga copia de ideas espalhadas e diffundidas, pelo exemplo austero de trabalho com que elle se destaca triumphantemente n'este meio espesso e baço de inercia e de abatimento, onde as mais importantes forças, as mais vivas energias, as mais viris faculdades dos cidadãos se confundem e se enervam n'uma abdicção desconsoladora, que chega a converter-se n'um caracter morbido de primeira importancia.

No meio de uma esterilidade productiva, que faz receiar pelo futuro de um paiz que

terminou a sua missão, por isso que elle se affasta da grande febre de trabalho que agita os povos modernos; no meio d'este *laissez aller* em que geralmente nos repimamos satisfeitos e descuidosos, uma individualidade tão energica, tão viva, tão excepcional como a de J. Sampaio assume as proporções de um elemento therapeutico pela acção reagente do estímulo que provoca.

E a democracia portugueza que felizmente possui ao seu serviço homens de todo o ponto notáveis e sympathicos, pela elevação do seu talento, pela sua nobilissima dedicação e pela formosa isenção de caracter que os distingue e os colloca acima do plano onde se exerce o baixo commercio egoista e degradante dos partidos velhos, tem de registrar em J. Sampaio um dos mais valiosos, um dos mais nobres e conscientes obreiros da reconstrução politica que emprende. Os que de perto têm tido a boa fortuna de viver com J. Sampaio sabem até que ponto de amor e dedicação elle é capaz de sacrificar-se pelo ideal querido que a sua mente afaga e ao qual a sua profunda educação de positivista dá uma poderosa sanção de verdade e de justiça. J. Sampaio não é dos que professam simplesmente uma idéa politica; é d'aquelles que a amam e a amam profunda e sinceramente.

Nas suas relações particulares J. Sampaio sabe ser um verdadeiro homem de bem, podendo ter o orgulho de agremiar, em volta de si, uma boa porção de sympathias reaes e profundas, pela lealdade do seu bello coração e pela exemplar probidade das suas qualidades moraes.

O que tem a honra de escrever estas linhas viu J. Sampaio pela primeira vez em 1880, no Porto; foi no café Lisbonense, onde um amigo commum, José Veiga, um monstro de espalhafato e de dedicação, nos apresentou. arremessou é o termo, um ao outro. Desde logo se estabeleceu entre nós uma natural corrente de sympathia que só mais tarde se aprofundou, porque em breve eu tive de ausentar-me.

Foi depois em 1881 que eu tive lugar de apreciar a fina essencia do seu caracter, estabelecendo com J. Sampaio relações mais intimas e mais descuidosas.

Publicava-se então no Porto o periodico democratico a *Folha Nova* a cuja redacção um dos meus mais queridos e brilhantes de uma pleiade litteraria como decerto em Portugal ainda não houve.

Ahi se affirmaram violenta e brilhantemente, em collaboração assidua, os talentos robustos e sérios de Emygdio d'Oliveira, de J. Sampaio, as notaveis aptidões litterarias de Francisco Carrelhas, Joaquim Coimbra, João Novaes, Jayme Filinto, Teixeira Gomes, Queiroz Velloso e muitos outros, cuja ennumeração total me é impossivel por extensa que não porque lhes não seja devido um grande quinhão de estima e consideração.

Era á noite, no Suisso, depois do trabalho litterario do dia, que um grande grupo de rapazes se reunia, ao fundo, em duas mezas, organisando um centro de bulício e de conversação que aturdia e espantava a pacata serenidade dos frequentadores d'aquelle estabelecimento. Ahi se discutiam todos os assumptos, ahi se tratavam todas as questões, por entre as quaes gargalhadas abruptas borriavam o ambiente espesso como a explosão subita do champagne por muito tempo reatrabido n'uma botelha que se destapa.

Depois era na redacção do *Primeiro de Janeiro* que um pequeno numero de rapazes destacados d'aquelle grande grupo se

reunia invariavelmente ahi pelas 10 horas — para o *caraco*. E o pobre Luiz Botelho, um esplendido coraço e um formosissimo talento que alli se delinha dia a dia afogado n'um trabalho que o esmaga, resignado no seu papel obscuro de noticiarista, d'onde ás vezes emmerge, como para lavar um protesto, com prosas da mais fina textura e cujo estofio riquissimo elle recama, em desperdícios de Nababo, das mais ricas perolas, dos mais facetados diamantes que o seu joalheiro de artista encerra; o pobre Luiz estremece de horror ao ver-nos entrar por alli dentro, no mysterioso recolhimento de hypocrita compostura em que elle adivinhava bem o contraste da tempestade proxima.

J. Sampaio entrava sempre um pouco mais tarde como que para declinar a responsabilidade intima de um barulho que não produzia.

A presidencia cabia-lhe, se não pelo logar material que occupava ao acaso, de certo pelo respeito que todos lhe consagravam em justiça á superioridade do seu espirito.

J. Sampaio oferece a um exame superficial uma physionomia vulgar, pela modestia do seu porte, pela repugnancia instinctiva e sincera a todas as farfallices *recherchées*, a tudo o que mire á espectacularisação, ao pretencioso da *toilette*, ao rebuscado das maneiras, á exteriorisação pedantesca, á *pose*. Mas, nos convívios intimos, J. Sampaio adquire, pela radiosa espiritualidade em que se banha, uma feição vivissima e original. Estatura regular e solida com um *enbonpoint* confortavel de quem não está já nos bellos tempos romanticos que estabeleciam uma incompatibilidade inludivel entre os pruridos sentimentaes da gloria e o uso ignobil do meio bife succulento, a parede abdominal tem o lineamento honesto a que Bordallo Pينهو chama a curva elegante dos barytonos. A cabeça volumosa, de uma modelação correctá, apenas sombreada por finos cabelos pretos rareados, cae-lhe natural e despretenciosamente sobre os hombros largos e robustos. O rosto redondo, de uma sadia coloração rosada, onde se encravam dois grandes olhos de myope, esbugalhados, aos quaes os vidros da luneta, encavallada sobre o nariz de uma linha pura, dão, pelo reverbero, o brilho um pouco empanado na applicação continua do estudo, tem a facil mobilidade muscular que é como que a reflexão exacta da emmoionalidade e da elaboração *psychologica*.

Colocado á vontade e sem cautellas no meio d'amigos sinceros elle produz-se então em toda a expontanea simplicidade da sua bella alma, tendo uma conversa animada, cheia de gestos desaffectedados em que predomina insistentemente o de coíar o seu pequeno bigode preto, que é como que a reserva de tinta com que elle sublinha as palavras affluídas á bocca serena e fria.

Naquelle pequeno cenaculo todos tinham a sua feição especial e todos intervinham para o exito da conversação com uma nota original. J. Sampaio era a intelligencia lucida, o crítico profundo e serio e, pela sua enorme illustração, o dictionario vivo que a nossa avidéz de aprendizagem esfolhava constantemente. Francisco Carrelhas era a maliciosa ironia, a ruga espirotuosa e fina que encarquilhava a physionomia d'aquelle grupo; João Novaes, a candida simplicidade, adoravel, de um poeta ingenuo; Teixeira Gomes, o scepticismo, o pessimismo *posajar* e brilhante que usa *lorgnon*; Queiroz Velloso, a gargalhada vermelha e fresca, que tonifica a alma n'uma communicação saudavel; Luiz Botelho, peiado pelos seus trabalhos, o simples sorriso, o leve volver d'olhos que é nas naturezas finas um meio poderoso de faecias e de ironias.

Assim, J. Sampaio, ao passo que não descurava os mais importantes problemas de sciencia e de arte a cuja resolução o seu formoso espirito se entregava, sabia compartilhar com rapazes, que o estimam profundamente, o bom humor da sua mocidade, sabendo-os encaminhar e esclarecer com o valioso aviso do seu conselho e a superior elevação do seu criterio.

AFFONSO CHAVES.

CONFRONTOS HISTORICOS

SEGUNDO ARTIGO

I

O sr. D. Luiz de Bragança, quando subiu ao throno, mal imaginava occupal-o. Uma terrivel desgraça — um crime talvez — arremessou ao tumulo o sr. D. Pedro V, e preparou a elevação do principe, creado e educado nas aventuras do mar, do loiro almirante que, em Londres e outros portos, causava a admiração da marinagem pelo seu genio expansivo, pelo seu caracter leal e pela sua franqueza mais propria d'um filho humilde do Povo, do que de um descendente d'enfatuados reis e imperadores.

O sr. D. Luiz estava bem assim. Vivia contente no mar, ouvindo o homérico rugido do Oceano e do Adriatico, cruzando as aguas mansas do Mediterraneo e deixando voejar a alma por sobre a superficie ora revoltá, ora socegada d'aquellas aguas ondulantes. Nada perturbava então a tranquillidade do marinheiro, a existencia passava-lhe despreoccupadamente e a felicidade estendia-lhe os seus braços carinhosos.

Elevado a rei, quando voltava á patria d'uma larga viagem, cortaram-lhe um futuro esplendido, esmagaram-lhe a vocação e encerraram-o na Ajuda, o COVIL DOS INVALIDOS CIVIS PORTUGUEZES, intimando-lhe o caminho que devia seguir, caso tivesse na devida conta o amor á propria existencia. O sr. D. Luiz obedeceu automaticamente e o seu espirito, forte e retemperado para as luctas da natureza, mostrou-se pueril deante das intrigas da politica.

Quando abriu a primeira legislatura do seu reinado, disse o moço rei que converteria em lei tudo quanto o parlamento sancionasse, demonstrando assim que já mais seguiria as pisadas do sr. D. Pedro VI — independente nos seus actos de monarcha e austero nas acções governativas.

Fizeram d'um valente marinheiro um rei constitucional (como a Luiz Philippe ohaviam feito, arrancando-o ás cadeiras do professorado) e o mesmo é dizer um rei — manequim — dirigido pelas ambições e villanias das facções monarchicas.

Satisfizeram assim as suas aspirações os eternos farçantes d'essa comedia chodrenta do constitucionalismo!

II

O sr. D. Luiz de Bragança tem cumprido a sua palavra, nunca oppondo o *вето* ás decisões parlamentares. Tem governado como rei constitucional, isto é, irresponsavel, sem consciencia. Aos seus ministros de todas as epochas é que cabe a responsabilidade dos desvarios, esbanjamentos e roubos pracados desde a sua aclamação até hoje.

O rei, obedecendo ao parlamento, constitue-se em tutelado do embuste e da corrupção, porque outra coisa não são as camaras legislativas em Portugal. Todos sabem como se fazem as eleições no nosso paiz e no animo de todos está a perfectibilidade d'esta verdade.

Em vista, pois, da irresponsabilidade do rei, firmada pela Carta, infame-se, insulte-se, tomem-se severas contas aos ministros que fazem as leis e os parlamentos, mas não se enleiam a honra de um homem puslanime por natureza política e coacto pelas ameaças d'uma côrte corrompida.

Se a capa real tem sido um manto de ladrões, segundo o affirmou o sr. Marianno de Carvalho, talvez de ha muito fosse um balandrau esfaqueado pelos punhaes dos cortesãos, traicoeiros e ambiciosos, se el-rei houvesse procedido d'outra fórma.

Entenda-nos quem quizer.

III

Se o sr. D. Luiz fosse um rei de acção como o foi Luiz Philippe, se a sua mocidade tivesse sido amargurada por uma série cruel de fatalidades, como a do rei francez, se tivesse apprendido, no exilio, a maneira honrada de ganhar, leccionando, o pão de cada dia, se emfim a actual magestade portugueza possuísse a comprehensão clara do que é a vida real, longe dos arminhos do paço e do concheço macio das sumptuosidades caras — este seu indifferentismo em face do povo que sofre e da corrupção que avança, era verdadeiramente condemnavel. Assim limita-se á consequencia fatal d'uma consciencia atormentada e puslanime e mais — á comprehensão e pratica do constitucionalismo, a fórma mais absurda de todas as fórmas governativas.

O sr. D. Luiz confia demasiadamente no seu pequenino Guizot, pintado e sarapintado e é este o seu maior erro.

A marcha governativa avança denodadamente para um cataclysmo pasmoso, d'esse cataclysmo resultará a desordem, naturalmente a revolução e a repetição em Lisboa das scenas de Paris em 1847, da revolução sairá a republica e da republica, se não houver sensatez e união entre todos nós que lutamos pelo futuro — surgirá a invasão estrangeira, de ha muito condemnada por todas as leis sociaes e humanas, mas favorecida pelo jesuitismo, que, graças a Deus, á indifferença do Povo e á protecção da monarchia, se estabeleceu e fortalece entre nós, com a fecundidade d'uma planta parasita em terreno baldio.

(Segue)

ERNESTO PIRES.

OS REIS

Eu não lhes quero mal por serem reis apenas, por serem mais do que eu na escala social; Odeio-os porque tem entranhas vis de hyenas, porque esmagam o povo é que lhes quero mal.

Elles matam a innocencia, apoiam a ignorancia, corrompem a virtude e cravam em peitos nus os punhaes mais servis da velha intolerancia que levou á fogueira o heretico João Huss.

Chamam-se Carlos não e inundam em tres dias Com bom sangue francez as ruas de Paris, estabelecem, matando, as torpes monarchias e chamam-se Orleans, Bonapartes, Clovis.

Abandonam a patria ás hostes inimigas e chamam-se João, o sexto poro fiavel, enforcam liberas, provocam mil intrigas e chamam-se os vilões D. Pedro ou D. Miguel.

É por isso que lucto ao lado dos pequenos, cheio de immensa fé, pedindo novas leis; é por isso que então estes heroicos threnos, o raça excommuniada e hypocrita dos reis!

A PROCISSÃO DE CORPUS-CHRISTI EM 1883

(Continuação)

Basta, que por elles soffram muitas das pobres *almas* da padralhada *inoffensiva*: aquellas *boas alminhas* do Senhor que em casa ficam, assustadas sempre, scismando,

se os seus queridos *meninos* voltarão a casa com os *joanetes* amolgados pelos *collegas*... que os acompanham!... Francamente, que, para as almas compassivas, não deverá passar despercebida a circumstancia de que, embora tão santas alminhas pensem em disfarçar taes sustos, tomando a miudo as suas pitadas do *meio-grosso*..., durante a sua ausencia, isto as isente de muitos sobresaltos... Pela nossa parte, sentimos arripios pensando em tal!... Mas, prosigamos, porque vamos fallar do melhor.

Depois dos pretinhos, do homem de ferro, dos collegas do beaterio...; o tal figurão da tarraxa, como sempre: aos bordos para a direita, para a esquerda, para a retaguarda; fazendo-nos lembrar o celebre Batalha, nos bons tempos em que o afamado Raphael da Cunha fornecia os melhores bichos para a praça do Campo de Sant'anna!...

Vimol-o assim, parados nas proximidades da rua da Magdalena!

Caminhando atrás, o pagem, segurando a custo a bandeira com a competente cruz, o symbolo do amor com que S. Jorge metia o outro *symbolo de caridade e amor* que na mão levava: a famosa lança que empunhava, no *lombo* d'outros guerreiros que com elle se mediam!

A imagem do tal S. Jorge, assim como quem pretendia farpear o pobre *Zé-povinho* á falta d'outro bicho no Campo de Sant'anna, fazia-nos scismar: se o tal S. Jorge de carne e osso alcançaria assim o céo, tirando com o maior sangue frio a vida ao seu semelhante! Quem sabe, pensamos, se n'aquelle tempo se amava assim o proximo?! O que é certo, é que o seu successor de pão, lá ia muito teso, como um pão que era: dando a idéa do que o famoso general que representava devia ser em bondade... Mas, repitamos:

A traz, o pagem, com uma cabelleira *macanja*, desbotada, era ladeado por dois *papagaios* da casa real... Coitado do pagem! tão magro era, que nem com a pobre bandeirinha, ao cimo d'uma leve vara que na mão lhe metteram podia segurar! Quanto melhor seria terem-lhe mettido na mão uma das grammaticas do celebre Epiphanio, *para o rallar*, com outras diárias..., do que, leve-o ali quasi a cair do cavallo com risco de se espetar no *beque* de qualquer padre? De qualquer padre?, dissemos! Perdão leitor, elles não iam proximo do pagem; iam muito a traz...

Mas, já que fallámos em padres perguntaremos de passagem: D'onde viriam tantos padres com uns narizes em fórma de bicos de papagaio?! Só isto, é mais custoso de saber, do que decifrar a peor das charadas do *Illustrado*... Mas, adeante. Vendo, pois, desaparecer pela rua da Magdalena o santo da *tarraxa*, estava-nos destinada uma novidade: a musica que n'esta rua se achava, devia desentranhar-se em tocar o hymno da carta (adorada?), levando-nos a dizer a uns soldados que proximo de nós se achavam: Safa!, que a musica não está mandriona hoje para aquelle lado! — Que remedio tem ella, senão tocar assim!, se o *santo* lhe está dando *umas calças*! — Expliquem-nos isso, camaradas! porque deve ser curioso o que pretendem n'isso dizer!

—Porque não? Saibam que, em quanto o *santo* ali estiver parado, a musica não deixará de estafar o hymno da carta: são ordens que se executam *á má cara*, não só para os musicos, como para com a força que ali está de armas apresentadas esperando que a mascarada passe sem novidade!...

E assim succedeu! boa meia hora durante a qual tal choldra se organisava proximo á igreja da Sé, proseguindo depois, o caminho por onde tinha que passar. Passada a procissão até certo ponto, seguindo

muitos hypocritas de cruz alçada, junto d'uma multidão de padres; um d'elles, arrastando uma pesada capa sabe Deos como!, attendendo aos seus oitenta annos de serviços a bem do... fanatismo (!); seguia o pallio, e logo em seguida, o *herdeiro de Portugal* (segundo uns telegrammas recebidos ha pouco de Roma pela agencia Havas!). A chegada do nosso *morgado*, um murmurio percorreu por entre varios individuos que, como nós o bisparam. A sua chegada, sortira uns resultados extravagantes que passamos a relatar. Pela nossa parte, vimos com indifferença o *menino bonito* da granjolada todo teso, e risonho, ao contrario do que o papá *Zilu* se mostrou na procissão do anno passado, apparecendo então carrancudo e de *beicorria*! á João VI; fazendo o *Carlinhos* o contrario! Ao contrario ainda do papá *Zilu*, o nosso *morgado* ia de cabeça levantada, medindo o madamismo que nas janellas se achava; medindo-o este pela sua parte, quem sabe se com o pensamento no *Progresso*..., n'aquella sua bregeira revelação: — de que o principe já era homem...

Seguindo assim no couce da procissão o nosso *morgado*, devidamente acompanhado pelo *herdeiro substituto* d'este mal fadado Portugal (em quanto ao primeiro se lhe não arranje uma mulher, um *thesouro de virtudes*: um outro *anjo de caridade* para os que lhe derem de comer), o *Carlinhos*, devia pensar naturalmente n'alguma cousa innocente...

Deixando agora, o tal *herdeiro de Portugal*, e voltando nos para o *Zé*, digamos como elle se exprimia no seu ar admirativo notando o bem que o *montavam*. Dizia elle: — Ai! como os *meninos* são *bonitos*! — Ai! como o nosso principe é *lourinho*! — Dizia ainda: — Não ha que vêr: o principe, como o infante, são dois estrangeiros perfectos! O principe, então, é um alemão das *pontinhas*... Depois, acrescentava: — Tem a *batata* achatada; tem *cara de fórma*; tem um todo do que é: d'um principe da raça dos Braganças...! Uma salaio, então, que tentava pisar-nos os callos para vêr melhor as altezas!, essa, fazia-nos ainda assim estalar de riso, puxando desesperadamente o marido para que os visse tambem, gritando-lhe: — Repara o Manel!, o nosso *morgado* não leva no *lombo* assim como que uma coisa que o patrão lá tem em casa á qual dá um nome assim exquisito... *a modos*... — *A modos* o quê, mulher?! Queres fallar no xarel do *Carocho* hein? — É tal qual o Manel! olha que tu sempre és muito *desintelligente*! Dize-me agora, quem é aquelle que vae atrás do nosso *morgado*? — Aquelle, é o *outro*, que vae tomando conta n'elle!... Não pudémos mais, tomar notas do que ouvimos, saindo d'ali em direcção ao passeio do Rocio ora rindo do que ouvimos, e vimos, ora scismando como tal boracheira se permite aqui mesmo, no coraçao do paiz, onde por decóro nosso devíamos tal não permittir, embora tivéssemos que ser victimas da excommunião maior da *Santidade* de Leão XIII que tanto, e tanto, nos assusta; fazendo-nos lembrar o... purgatorio... Em fim, a procissão do corpo de Deos sempre nos fez rir a bom rir!...

J. DE ROSIERS.

GALERIA REPUBLICANA

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia, a colleção do primeiro anno, encadernada em panno chagrín e pasta dourada, por 3\$500 réis. Em folhas soltas, 2\$500 réis.